**Futebol Feminino no Brasil – A História**

futebol feminino no nosso país já é um esporte popular, apesar da falta de um campeonato mais organizado e de patrocinadores para o esporte. As últimas conquistas da seleção nas Olimpíadas e no Pan, além do tetracampeonato de Marta como a melhor jogadora do mundo, contribuíram muito para o desenvolvimento da modalidade.

Mas como foi o início do futebol feminino no país? Muitas atletas antes de Marta suaram a camisa para promover um esporte que até hoje sofre muito preconceito e já foi até proibido por lei. Se o futebol masculino foi, por muito tempo, motivo de polêmica, maior ainda foi com o futebol feminino.

O primeiro registro que se tem sobre futebol feminino vem obviamente da Inglaterra, onde o esporte nasceu, numa partida entre Inglaterra x Escócia acontecida em 1898, em Londres. No Brasil, existem registros de partidas mistas, com homens e mulheres juntos, em 1908 e 1909. Durante muito tempo um evento beneficiente ocorrido em 1913 foi considerado a primeira partida de futebol feminino no Brasil, mas anos depois foi descoberto que, na verdade, o time “feminino” era formado por jogadores do Sport Club Americano, campeão paulista daquele ano, vestidos de mulher, misturados a “senhoritas da sociedade”.

Sendo assim, então, oficialmente a primeira partida de futebol feminino no Brasil ocorreu em 1921, entre senhoritas dos bairros Tremembé e Cantareira (que hoje seria Santana), na zona norte de São Paulo. Essa partida foi noticiada pelo jornal *A Gazeta* como uma atração “curiosa”, quando não “cômica”, em meio às festas juninas. Isso porque, naquele tempo, as mulheres tinham um papel secundário no esporte, particularmente no futebol. Em geral, limitavam-se à torcida e a concursos de madrinhas de clubes. Em campo, no máximo, davam o pontapé inicial ou disputavam tiros livres.

O preconceito era muito grande e o futebol era visto como um esporte bruto, impróprio para damas. O exagero era tanto que jogadores de uma partida ocorrida na década de 40, em São João da Boa Vista (SP), mereceu excomunhão da Igreja Católica. Já em 1941, aconteceu o primeiro jogo masculino apitado por uma mulher, num amistoso entre o Serrano de Petrópolis contra o América do Rio. Na ocasião, o árbitro passou mal e uma atleta da partida preliminar ao amistoso assumiu o apito.

Entretanto, o futebol de mulheres no Brasil não agradava às famílias conservadoras, o que gerou a criação de um decreto-lei do Estado Novo, na década de 40, proibindo a “prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina”. Essa lei durou até 1979 e, além do futebol (tanto de campo como de salão), impedia que as mulheres praticassem lutas de qualquer natureza, pólo e halterofilismo.

Imediatamente após a lei ser revogada, várias equipes e ligas foram sendo criadas pelo Brasil, dentre elas a equipe carioca do Radar, que a partir de 1982 conquistou diversos títulos nacionais e internacionais. O SAAD de São Paulo também surgiu com força máxima, dando um toque especial de rivalidade no esporte.

A primeira seleção Brasileira de futebol feminino foi “convocada” pela CBF em 1988. As aspas existem porque, na realidade, a seleção era composta apenas por jogadoras do Radar, que cedeu 16 atletas para a seleção vencer o “Women’s Cup of Spain” , derrotando seleções como Portugal, França e Espanha. Era o primeiro título internacional da nossa seleção.

Depois disso, o futebol feminino cresceu muito e a Fifa passou a organizar os eventos da modalidade, realizando inclusive a primeira Copa do Mundo em 1991, na China (o  Brasil foi o nono colocado). Em seguida, vieram a inclusão da modalidade nas Olímpiadas de Atlanta-1996, consolidando um esporte que sofreu muito.

Mesmo assim, apesar das conquistas, o futebol feminino ainda precisa superar muito preconceito para ser praticado. A sociedade discrimina muitas atletas e, por questão cultural, a menina ainda ganha uma boneca ao invés de ganhar uma bola. Neste caso, somente as conquistas e os idolos poderão levar a modalidade ainda mais longe, fugindo deste “destino” discriminatório.